RECTIFICAÇÕES ISTORICAS

(POR TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE)

Tendo concluido as observações que intentei, ácerca do facto da proclamação da independencia na provincia do Maranhão, cumpre verificar o que da-se relativamente ao personagem, que o autor da *Istoria da fundação do imperio do Brazil* denomina *capitão Alcerino*, companheiro de Jozé Pereira Filgueiras.

Não encontrei jámais em escritor ou documento qualquer que na expedição de Caxias figurasse individuo algum notavel com o nome de *Alcerino*.

Talvez o illustrado conselheiro Pereira da Silva quizesse, apontando esse nome, referir-se ao capitão João da Costa Alecrim, valerozo cabo cearense, que distinguio-se na empreza da libertação dos seus compatriotas do Piauhi e Maranhão.

Foi um dos primeiros que no Ceará reuniu forças para bater o xefe luzitano Cunha Fidié e sustentar a cauza nacional.

Na citada obra ha varias inexactidões de nome de personagens istoricos, e equivocos ou descuidos de narração, o que motivou uma publicação, que fiz em 1863 sob o titulo rectificações istoricas; e que agora reproduzo.

Temos lido com summa atenção os 4 volumes da Istoria da fundação do Imperio, que está publicando o Sr. Dr. João Manoel Pereira da Silva.

O credito literario, de que goza o autor, era sufficien-

te abono da excelencia da obra, e com efeito muito apreciamos a leitura dos volumes, em que o istoriador nos aprezenta um verdadeiro e exacto quadro do regimen colonial, de que vulgarmente se tem idéas mui desfavorecidas, porque na generalidade julgamos d'esse regimen por um ou outro facto de maior notoriedade, que aliás não constitue regra.

A leitura da nova obra do benemerito literato convencerá, que o governo portuguez, si tirava vantagens importantes do Brazil, não era aliás imprevidente e descuidozo da sua administração.

Predominavão erroneas idéas politicas e financeiras; mas praticava-se uma administração comparativamente regular e activa; e bem ponderadas as circunstancias de então para oje vemos, que na parte da moralidade dos actos dos altos funccionarios a administração colonial era muitas vezes louvavel pelo escrupulo, com que a metropole examinava e reprimia os excessos.

A obra, de que falamos, é rica de informações, já em relação ás materias politicas e administrativas, já em relação ao dezenvolvimento commercial e industrial do paiz, sendo bem notavel o conhecimento que nos ministra da situação financeira do paiz n'esses tempos do dominio absoluto.

No proseguimento da narração istorica, já xega o autor até á revolução de 1817, e sentimos ter de dizer, que axamos deficiente a expozição de tão importante acontecimento.

O autor o considera em proporções pouco elevadas, não lhe conferindo o verdadeiro caracter e sentimento patriotico, que trouxe ao movimento feições menos acanhadas do que as de simples motim militar, ou desenfreio popular.

A idéa da independencia nacional, suprimindo o dominio portuguez, deu alma e sentimento á revolução. Essa idéa generoza não sobresae nas considerações do ilustrado istoriador.

A dignidade do caracter pernambucano fica em sombras, e não nobilita o entuziasmo, de que então se

apoderou a população de quatro capitanias, para só deixar transparecer a idéa de deslealdade dos subditos de um rei pacifico.

A narração do nosso autor devera deter-se acerca de circunstancias mui importantes d'esse grande sucesso: no entretanto ella summaria essas circunstancias, deixando-nos anciozos por conhecer mais individualmente todas as peripecias d'esse drama politico.

Quem não se interessará pela expozição das senas occorridas na prizão da Bahia, onde se passárão longas agonias?

Quanto não interessaria a circunstancia da relação do processo ou devassa, onde o arbitrio da alçada e prepotencia do seu prezidente Bernardo Teixéira tanto se ostentarão! Como se não empenharia a atenção do leitor na individuação da luta entre esse magistrado feroz e o benevolo caracter de Luiz do Rego, tão caluniado em seus sentimentos pelos contemporaneos?

Acerca d'estas e de outras circunstancias, o nobre escritor foi demaziado concizo.

Não ha deficiencia sómente emquanto aos promenores dos factos; o autor igualmente na apreciação de certos caracteres não se aprezentou em toda a sua luz. Alguns, que tão eminente parte tiverão nos acontecimentos, ficão em logar somenos.

O Capitão-mór de Olinda Francisco de Paula Cavalcante é apenas mencionado nas operações militares, que dirigio no sul da provincia; cumpria porém saber, que esse cidadão teve parte mui notavel no movimento revolucionario, imprimindo-lhe caracter de moderação e elevação de intentos.

Como é sabido, a revolução nasceu de um acto precipitado e criminozo de dous militares, assassinando o seu commandante.

Esse facto suscitou a revolução, que tomaria caracter atros e pequenino, si o capitão-mór Francisco de Paula, com outros distintos patriotas, não se puzessem á frente d'ella, dirigindo-a para fins nobres e patrioti-

cos, em vez de deixal-a seguir um curso dezordenado e funesto.

O capitão-mór, pela importancia de que gozava, já por sua fortuna e já por sua familia, não podia ficar indiferente a um facto de tanta magnitude no paiz, onde era objeto de consideração e proeminencia.

Não estava no Recife, quando rebentou o movimento inesperado; e vindo do seu engenho Suassuna, só tomou parte na revolução depois que com sua prezença e de seus amigos reconheceu que o meio de prevenir grandes males era dar proveitoza direção ao arrojo da tropa e ao entuziasmo da população, que poderia aliás ser perigozissimo á cauza publica.

Cidadão sempre prestante, elle não era d'esses que vião indiferentes as necessidades publicas: assim já em época pouco afastada havia concorrido para as urgencias dos cofres reaes com um donativo de 5:000$000 réis, quantia n'essa época aliás consideravel.

Tomando parte na revolução, elle não foi arrastado por sentimentos pouco nobres. Ao contrario só o dezejo de vêr que se não transviasse o movimento já em campo, e produzisse grandes calamidades, e antes pudesse ser aproveitado em favor do bem publico, o incitou a compartilhar a sorte de tantos outros ilustres Pernambucanos; pois, como elle mesmo diz na sua defesa aprezentada ante os tribunaes judiciarios de então: «Na nova ordem não podia aspirar a cousa, que não fôsse abaixo do que já possuia, e que era a sua sorte, como de todos os outros, confundir-se na geral mistura».

Não foi pois ambição ou outro sentimento ignobil, que incitou o capitão-mór Francisco de Paula a annuir ao movimento revolucionario; foi sim o amor de idéas generozas, que o levárão a arriscar o muito que tinha.

No momento da restauração elle poupou grandes sacrificios a essa cidade, evitando inutil rezistencia e um destruidor bombardeamento.

Tomando pois o mesmo capitão-mór parte tão importante e principal na revolução, mormente sendo essa

parte benefica e patriotica, não devera ficar em sombras.

A revolução não consistio no levantamento militar: este deu-lhe occazião, e o movimento politico só começou, quando homens importantes e sinceros patriotas aprezentarão-se para que o mal se não dezencadeiasse, e as consequencias não fôssem dezastrozas. O capitão-mór Francisco de Paula foi um d'esses nobres caracteres.

Convem, que a istoria não olvide os actos da benemerencia, cuja apreciação excita exemplos futuros.

Admira que na expozição de alguns factos o Sr. Dr. Pereira da Silva se afaste do sentimento geral e do modo porque os contão ainda oje testimunhas prezenciaes; e tanto mais é de admirar esse desvio, quando o autor tinha em vistas a excelente e mui preciozá obra de monsenhor Muniz Tavares sobre a revolução de 1817.

Prezente aos factos, e informado por pessoas participantes n'esses factos, a sua narração deve ser crida como veridica, quando documentos pozitivos não a contestarem.

Muitos dos factos, narrados pelo sincero istoriador de 1817, temos ouvido referir por comtemporaneos, pela mesma fórma por que elle os conta.

Ha um facto que não podemos deixar de mencionar por vir essencialmente alterado na *Istoria da fundação do Imperio*. Falamos da morte do tenente-coronel Alexandre Thomaz.

O Sr. Dr. Pereira da Silva refere-a nos seguintes termos:

«Na execução dos seus deveres encontra-se o infeliz oficial (Alexandre Thomaz) com um magote de milicianos, que commandava o tenente Jozé Mariano. Fôrão-lhe os passos embargados, e um tiro de pistola, que se disparou por acazo ou de propozito, cortou-lhe

os fios da vida, precipitou-o do cavalo, e estendeu-o por terra».

A narração do Sr. Muniz Tavares é a seguinte:

«Xega n'este momento fatal (ao quartel) Alexandre Thomaz, quer falar e não póde; Pedro Pedrozo apenas o reconhece brada: «*Camaradas! eis o inimigo de Pernambuco, a cauza das nossas desgraças; fogo!* No mesmo instante é obedecido: o mizero cae por terra traspassado de balas».

Esta narração, mui diversa da outra, é confirmada ainda oje por uma testimunha, que assistio a esta sena sanguinolenta e atroz.

Tambem não é referida com exactidão a morte do padre João Ribeiro em uma das suas circunstancias.

O Sr. Dr. Pereira da Silva diz, que o referido padre «aamrrou uma corda ao galho de uma mangueira magestoza, e subindo ao cimo d'ella, passou pelo pescoço um laço, que preparára, deixou-se de subito precipitar, e exhalou a vida nas ancias de uma sufocação immediata».

E' verdade que o padre João Ribeiro enforcou-se; mas não no galho de uma magestoza mangueira, e sim na capéla do engenho Paulista, depois de haver infrutiferamente tomado veneno, que comsigo trazia.

Nos momentos finaes da crize elle repetia que o *carrasco dos tiranos não lhe cavalgaria o caxaço.*

No engenho Paulista em 1862 vi o proprio lugar, onde o suicida estrangulou-se, sendo-me mostrado pelo proprietario d'esse engenho, contemporaneo e conhecedor do facto, o sitio exacto do lamentavel acontecimento.

Outra inexactidão apontaremos. Diz o Sr. Pereira da Silva que os prezos do Crato no Ceará fôrão remetidos para a capital de ordem do governador Manoel Ignacio «que os embarcou em um navio, que seguio para Lisbôa, onde se conservárão prezos por muito tempo».

E' manifesto engano. Os prezos do Crato vierão da capital do Ceará para esta cidade do Recife, e daqui seguirão para a Bahia.

Talvez o autor confunda os prezos do Crato com dous negociantes da capital do Ceará, que por cauza da revolução fôrão ali prezos e enviados para os carceres do Limoeiro em Lisbôa, onde com efeito jazerão por algum tempo.

Além d'essas inexactidões de factos, ha enganos no nome de varias pessoas, de que trata o autor.

Assim elle dá ao brigadeiro Manoel Joaquim Barboza de Castro o nome de *Manoel Joaquim Rodrigues*, ao tenente Antonio Enriques de Almeida o de *Antonio Rodrigues*, ao marexal Jozé Roberto Pereira da Silva o de *João Roberto*, ao padre Miguel Joaquim de Almeida Castro o de *Manoel Joaquim*, ao capitão-mór Jozé Pereira Filgueiras o de *Jozé Pereira Figueira*, ao capitão Pedro Pedrozo da Silva o de *Pedro da Silveira Pedrozo*, e ao dezembargador Bernardo Texeira Alves de Carvalho xama *Bernardo Pereira*.

Indicando essas faltas, não pretendemos censurar ao autor: a obra tem tanto merito que tão leves incorrecções não a pódem prejudicar. No meio de tamanho brilho não a obscurecem imperceptiveis nubeculas.

Só o dezejo de vêr corrigida a verdade nos incitou á escrever essas ligeiras observações, que deixamos á apreciação do leitor.

E si por ventura fôrem ellas ter ás mãos do ilustre istoriador talvez o incitem a fazer novas verificações, elevando assim a missão da istoria, cuja obrigação é dizer a verdade ainda em pontos minimos.